

**Constantes e variáveis:
apontamentos sobre a construção de palavras
em diferentes variedades do português**

Rui PEREIRA
Universidade de Coimbra, CELGA-ILTEC, Faculdade de Letras
rui.pereira@uc.pt

Resumo

Este artigo está estruturado em torno de dois conceitos, *constante* e *variável*, que, fazendo parte do léxico específico da morfologia derivacional (Booij 2016; Jackendoff & Audring 2016), são operativos quando se pretende analisar a variação que se atesta no domínio da construção de palavras em diferentes variedades do português. De facto, como já foi aforado por diversos investigadores (Mendes *et al.* 2016; Rio-Torto 2015; Soares da Silva 2010, 2014, 2018, 2022), o espaço idiomático que designamos como “português” é percorrido por um conjunto de continuidades e descontinuidades, que ora aproximam essas variedades ora as afastam. Se existe continuidade nos esquemas de construção de palavras que são usados, o mesmo não se passa quando comparamos as instâncias concretas desses esquemas, por força da opção por esquemas construcionais alternantes ou do recurso a bases lexicais específicas de uma determinada variedade, mas não de outras. Este estado de coisas pode ser observado, por exemplo, na construção de novas palavras na variedade moçambicana do português.

Palavras-chave: *português pluricêntrico; variação linguística; Português de Moçambique; léxico; formação de palavras*

Abstract

This article is structured around two concepts, *constant* and *variable*, which, being part of the specific lexicon of derivational morphology (Booij 2016; Jackendoff & Audring 2016), are operative in the analysis of variation that is attested in the domain of word construction in different varieties of Portuguese. In fact, as it has already been highlighted by several researchers (Mendes *et al.* 2016; Rio-Torto 2015; Soares da Silva 2010, 2018, 2022), the idiomatic space that we designate as “Portuguese” is covered by a set of continuities and discontinuities, which sometimes bring these varieties closer together and sometimes move them apart. If there is continuity in the word construction schemes that are used, the same does not happen when we compare the concrete instances of these schemes, due to the option for alternating constructional schemes or the use of specific lexical bases of a given variety, but not others. This situation can be observed, for example, in the construction of new words in the Mozambican variety of Portuguese.

Keywords: *pluricentricity; linguistic variation; Portuguese from Mozambique; lexicon; word formation*

1. Introdução

Não obstante os esforços encetados, a nível académico e fora dele, há ainda na mente de muitos falantes a ideia de que “que há uma só língua certa, homogênea e uniforme e todo o resto são aleijões linguísticos” (Faraco 2022: 53). Na realidade, o estigma sobre o uso da língua portuguesa em moldes não europeus é muito antigo, encontrando-se referências a isso já em meados do séc. XVI, em João de Barros, por exemplo.

Por q[ue] bem como os gregos e Roma aviã por bárbaras todalas outras nações estranhas aelles, por nam poderẽ formár sua linguágẽ: assy nós podemos dizer que as nações de Africa, Guine, Asia, Brasil, bárbarizam quando querẽ imitár a nóssa. (Barros 1540: 34)

Os linguistas vêm há muito assumindo e fazendo passar a ideia de que a língua é como é e não como deveria ser. Assume-se hoje a necessidade de acolher a variação linguística sem receios desagregadores, assumindo o português como é: uma língua pluricêntrica (Baxter 1992; Soares da Silva 2022), com variedades nacionais, histórica e geograficamente estabelecidas, e algumas variedades emergentes. Como resultado dos estudos empíricos entretanto realizados, tem vindo a consolidar-se um quadro de referência mais consistente dos fenómenos da variação linguística, substituindo uma visão estanque das variedades do português, muito assente na perceção de divergências, por uma visão de *continuum* que permite melhor dar conta da sua distribuição geográfica e social (cf. Faraco 2022), das (des)continuidades e da dinâmica das inter-relações que entre elas se estabelecem. Num mundo cada vez mais multilingue, talvez seja mais próximo da realidade (neuro)linguística, pensar nas línguas como faz de Bot:

we define language as a set of situation-specific utterances that only at the metalinguistic level can be labelled as belonging to a given language. There seems to be no reason to assume the existence of languages as separate entities in the brain that have their own demarcated substrates. (de Bot 2019: 16)

Propomo-nos neste artigo abordar a questão da variação que se atesta no domínio da construção de palavras em diferentes variedades do português com base nos conceitos de *constante* e *variável*, que fazem parte do léxico específico da morfologia construcional/relacional. Tentaremos demonstrar que o espaço idiomático que designamos como “português” é percorrido por um conjunto de continuidades e descontinuidades, que ora aproximam as diferentes variedades (institucionalizadas ou emergentes), ora as afastam,

como já foi aforado por diversos investigadores (Gonçalves 2013; Mendes *et al.* 2016; Petter 2008; Rio-Torto 2015, 2020, 2022; Soares da Silva 2010, 2014, 2018, 2022).

O artigo encontra-se organizado da seguinte forma: na primeira parte, caracteriza-se, sumariamente, o funcionamento da morfologia derivacional, assumindo como válidos os princípios postulados pela Morfologia Construcional (Booij 2010a, 2010b, 2016) e pela Morfologia Relacional (Jackendoff & Audring 2016, 2018, 2020); analisa-se, de seguida, a questão da variação linguística, pondo em evidência algumas linhas de continuidade e descontinuidade na construção de palavras nas variedades europeia, brasileira e africanas do português; na última parte, analisam-se os procedimentos de renovação lexical que caracterizam a variedade moçambicana, distinguindo o que é específico desta variedade daquilo que é transversal à língua portuguesa no seu todo.

2. Construção de palavras: *constantes e variáveis*

Todos os falantes de português, independentemente do contexto em que se dá a interação verbal (como língua materna ou língua segunda/adicional, em variedades dominantes ou não dominantes), possuem a capacidade de relacionar e construir palavras com base na sua experiência linguística. Une os falantes de língua portuguesa o conhecimento partilhado de um conjunto de esquemas e de mecanismos construcionais que permitem (i) o acesso, pela via (de)composicional, a palavras já existentes e (ii) a construção de novos lexemas ou das diferentes formas morfossintáticas (também designadas “formas de palavra” ou “palavras gramaticais”) de cada lexema.

A ideia de que os esquemas de construção de palavras são abstrações sobre conjuntos de palavras relacionadas no léxico tem uma longa tradição (ver, entre outros, Paul 1880; Bybee 1995; Booij 2005, 2016; Jackendoff & Audring 2016). As palavras construídas no âmbito da flexão e da derivação (tomada em sentido lato) são vistas como instanciações de esquemas mentais de construção. Por exemplo, o esquema (1), baseado no modelo proposto por Booij (2016: 425), representa o padrão de construção de nomes de agente profissional como *fadista*, *guitarrista*, *dentista*, etc.

$$(1) \langle [x]_{N_i} \text{ista} \rangle_{N_j} \leftrightarrow [\text{pessoa que realiza uma ação relacionada com SEM}_i]_j \rangle$$

À esquerda da seta dupla (\leftrightarrow), encontramos um padrão morfológico, o de uma palavra com uma base de categoria nominal (N) e o sufixo nominalizador *-ista*. À direita da seta dupla, encontramos a interpretação semântica desse padrão, indicando os índices subscritos relações de referência cruzada com as respetivas entidades à esquerda da seta

dupla. Por exemplo, SEM_i representa a semântica do item tomado como base derivacional (N_i).

O esquema (1) codifica, pois, a relação entre uma determinada palavra (por exemplo, *fadista*, *guitarrista*, *dentista*) e um padrão de construção do qual ela é uma instância. Cada esquema é caracterizado por um conjunto de **constantes** nos domínios da fonologia – a presença do segmento *-ista* –, da morfossintaxe – a indicação de que o segmento *-ista* se coloca à direita do radical de um nome (N) gerando assim outro N – e da semântica, na medida em que o produto gerado designa ‘uma pessoa que realiza uma ação relacionada com o significado (SEM) do nome-base’.

Estes esquemas também contêm **variáveis** que ocupam o espaço funcional representado por [x], cujas propriedades fonológicas, sintáticas e semânticas são coindexadas (através do índice _i) à forma e ao significado da palavra derivacionalmente relacionada. O elemento [x] representa cada uma das unidades lexicais que podem servir de base à construção lexical com *-ista* (por ex., [dent(e)] em *dentista*; [guitarr(a)] em *fadista* [fad(o)] em *fadista*).

Os esquemas construcionais têm duas importantes funções linguísticas: (i) uma função relacional, uma vez que capturam generalizações entre as palavras existentes, e (ii) uma função gerativa, pois podem ser usados na construção de novas palavras. Ou seja, o conhecimento dos esquemas construcionais permite que um falante, uma vez exposto a palavras com uma determinada estrutura morfolexical, infira a forma e o significado de outros possíveis membros desse paradigma derivacional, mesmo que nunca tenha contactado com eles. É isso que permite a codificação e a decodificação de palavras como *bloguista* ‘autor de um blogue’ ou *tuktukista* ‘condutor de um tuk-tuk’, por exemplo.

Se os esquemas formativos, e as *constantes* que os definem, são um elemento de continuidade entre as diferentes variedades do português, o mesmo não se pode dizer das bases lexicais, cujo conhecimento é variável intra- e intervariedades. Por este motivo, palavras como *Ucidista* (CV), *capianguista* (AN) e *txopelista* (MO) levantam problemas de interpretação a falantes que não pertencem à comunidade linguística no seio da qual são usadas.¹ Como a língua é uma realidade social e culturalmente marcada, o acesso e/ou processamento dos itens lexicais que vão sendo criados em diferentes contextos é afetado por um fator importante, a normativização / institucionalização. Uma vez criada, uma palavra necessita de ser aceite e ser usada pela comunidade de falantes.

¹ *Ucidista* ‘membro da UCID’ (partido político); *capianguista* ‘larápio; ladrão de coisa pequena’ (*capiango* ‘roubo, furto’); *txopelista* ‘condutor de txopela’ (*txopela* ‘motorizada de três rodas que serve de táxi’).

3. Variação linguística

A integração de novas palavras no léxico do português, seja pela integração de unidades lexicais que lhe eram exógenas, seja pela construção de itens com recursos endógenos (bases e afixos), não se processa da mesma forma nem com a mesma intensidade em todas as variedades do português. Há na literatura abundantes referências à variação tanto no uso de estrangeirismos e empréstimos, como no domínio da construção de palavras (ver, entre outros, Gonçalves 2013; Machungo 2001; Nascimento *et al.* 2008; Petter 2008; Rio-Torto 2015; Timbane 2012, 2014; Villalva & Silvestre 2014).

No âmbito da instanciação dos esquemas construcionais, seja para nomeação de novas realidades ou de realidades contextualmente situadas, seja com intuítos estilísticos, a variação pode manifestar-se de duas formas: (i) no uso de processos derivacionais ou de esquemas construcionais diferentes, entre aqueles que são permitidos pelo sistema; (ii) no uso de bases lexicais diferentes, que designam entidades, propriedades ou eventos característicos de determinadas áreas dialetais e/ou societais, sendo o seu conhecimento partilhado apenas pelos membros de uma comunidade de falantes específica. Assim, em linha com Rio-Torto, assumimos que

as unidades lexicais não são dissociáveis da comunidade em que são produzidas e usadas e dos cenários conceptuais e culturais que as enformam. [...] Não podemos alienar o léxico da realidade social e mental em que é usado, pelo que esse conjunto aberto de unidades e de produções socio-cognitivas dos sujeitos historicamente e culturalmente situados há-de necessariamente refletir-se na análise das competências e das práticas lexicais daqueles. (Rio-Torto 2015: 125)

Na literatura existente sobre este assunto têm sido apontados diversos conjuntos de dados lexicais que exemplificam a divergência no uso de processos e recursos afixais. Vejam-se, por exemplo, os contrastes lexicais entre as variedades brasileira (PB) e europeia (PE) do português, apontados em Rio-Torto (2015: 128-129).

(2) *Mesmo paradigma, afixos diferentes*

PB	PE
comparecimento	comparência
fichário	ficheiro
bolsista	bolseiro
bilheteria	bilheteira
fumante	fumador

(3) *Paradigmas diferentes para o mesmo valor*

PB	PE
contador	contabilista
desenhista	desenhador e designer
veranista	veraneante

(4) *Palavras monovocabulares vs. Unidades lexicais multipalavra*

PB	PE
filmadora	máquina de filmar
banheiro	quarto de banho
passarela	passadeira / passagem aérea de peões

Como é possível observar, nem sempre as palavras institucionalizadas nas duas variedades são coincidentes. Nuns casos, servem-se as duas normas de diferentes afixos (cf. 2). Noutros casos, são instanciadas diferentes relações semântico-categoriais entre base e o produto derivado (cf. 3); por exemplo, o PB usa *contador*, um nome deverbal, para se referir a uma entidade que em PE é designada por *contabilista*, um nome deadjetival. Noutros casos ainda (cf. 4), há a opção por esquemas de construção mais ou menos sintéticos de um e do outro lado do Atlântico.

Note-se que a variação também ocorre no seio de uma variedade linguística e, por vezes, até no decurso do discurso de um determinado falante. Vejam-se, por exemplo, as alternâncias lexicais atestadas em falantes do PE:

(5) *aceleração* ~ *aceleramento* (Eurosport, transmissão de prova de ciclismo, 02.03.2024)

(6) *abreviações* ~ *abreviaturas* (webinar orientado por Inês Amaral, 11.03.2024)

Não há, no entanto, diferenças substanciais no funcionamento morfológico. Os estudos realizados até ao momento demonstram a continuidade do funcionamento do sistema derivacional em diferentes variedades da língua portuguesa, quanto aos esquemas ativados, processos de seleção e de combinatória dos afixos (Areán-García 2009; Maronezze 2005; Maronezze & Alves 2008; Mendes *et al.* 2016; Rio-Torto 2007, 2015). Isso não significa que os produtos derivacionais sejam formalmente iguais, manifestem o mesmo semantismo ou sejam usados com igual frequência nas diferentes variedades. Como vimos, para além de não haver coincidência nos esquemas construcionais ativados no PB e no PE em determinados contextos (cf. *israelense* PB / *israelita* PE; *banheiro* PB / *quarto de banho* PE; *geladeira* PB / *frigorífico* PE), também não são necessariamente coincidentes as propriedades semânticas e/ou categoriais de alguns dos produtos lexicais construídos. Vejam-se, por exemplo, os casos de *pedestre* e *elétrico*, apontados por Rio-Torto (2015):

(7) PB Pedestre_N vs. PE pedestre_A (como nome usa-se *peão*)

(8) PB elétrico_{ADJ} vs. PE elétrico_{ADJ e N} (no Brasil, usa-se *bonde*)

Não obstante os diferentes graus de reestruturação linguística que têm vindo a ser percebidos e descritos nas últimas décadas nas variedades africanas da língua portuguesa, não parece haver também nestas variedades rurais no domínio da formação de palavras. Rio-Torto (2015) e Mendes *et al.* (2016), analisando, respetivamente, neologismos da variedade moçambicana do português (PM) (cf. 9) e do Corpus África (cf. 10), concluem que estes itens lexicais não configuram uma realidade diferente da que se verifica no PB e no PE.

(9) a. **-ncia**: *empolgância, limitância*

b. **-ção**: *desertação, desinfectação, emprestação*

c. **-mento**: *ajudamento, confeccionamento, engravidamento, estrategiamento*

(10) a. **-ção**: *alertação, roncação, defendição*

b. **-agem**: *plantagem, mulatagem*

c. **-mento**: *anestesiamento, vigiamento, concessionamento*

Não obstante tratar-se de palavras não usadas e/ou não esperadas pelas comunidades de falantes do PE e do PB, são instâncias de esquemas de construção de palavras conhecidos dos falantes portugueses e brasileiros.

Se os esquemas de construção de palavras, e as *constantes* que os definem, são um elemento de continuidade entre as diferentes variedades do português, o mesmo não se pode dizer das bases lexicais, as *variáveis*, usadas em cada variedade. Mendes *et al.* (2016) detetaram os seguintes casos no Corpus África:

- (i) Palavras construídas sobre uma base lexical de origem africana através de processos regulares de formação de palavras (e.g. *balantização* 'adquirir propriedades de Balanta'; *chambocada* 'uma pancada com um pau' (de *chamboco*, palavra Niungue (Moçambique));
- (ii) Palavras formadas sobre uma base lexical que, não sendo de origem africana, designa uma entidade ou situação específicas da realidade africana (e.g. *angolanização* 'tornar-se angolano'; *burundês* 'do Burundi').

As *variáveis* (as bases) que entram na construção de palavras podem ser itens lexicais conhecidos ou não da comunidade de falantes num determinado tempo/espço. Vejam-se, por exemplo, os casos de *suinguista*, *camanguista* (AN), *baruísta*, *muquerista* (MO)². O grau de transparência semântica destas construções é diretamente proporcional ao grau de conhecimento da semântica das unidades lexicais usadas como base (respetivamente, *suingue*, *camanga*, *Báruè*, *muquero*). Quando o português é uma língua não materna (língua segunda ou língua adicional), essas variáveis podem advir do acervo lexical multilingue memorizado pelo falante. Isso é muito visível na construção de palavras das variedades africanas do português, nomeadamente na variedade moçambicana (PM), cujas linhas de continuidade e descontinuidade são evidenciadas na secção seguinte.

4. Variedade moçambicana do português (PM)

É mais ou menos consensual a ideia de que a emergência das variedades africanas do português resulta “de diferentes graus de reestruturação linguística num cenário de aquisição de língua não materna (L2)” (Hagemeijer 2016: 43), sendo o grau de acesso e exposição à língua-alvo (o português) e o contexto sociolinguístico fatores absolutamente determinantes.

² *Suinguista* ‘farrista, bailarino’; *camanguista* ‘traficante de diamantes’; *baruísta* ‘(relativo ao) habitante do Barué, em África’; *muquerista* ‘pessoa que pratica o muquero’ (comércio transfronteiriço).

Três factos assumem um papel crucial na construção do português falado em Moçambique: em primeiro lugar, o facto de Moçambique ser um país multilíngue onde, para além do português, são faladas línguas bantu e algumas línguas asiáticas (urdu e o gujarati) (Timbane 2012, 2014); segundo, o facto de o Português não a ser língua materna da maioria da população, mas apenas a língua oficial, sendo falado especialmente em contexto urbano por pessoas escolarizadas; nos Censos de 2017, a maior parte dos cidadãos (79,2%) declara ter uma língua bantu como sua língua materna e apenas 16,5% o Português (INE 2023); e terceiro, o facto de, tal como no Brasil, existir em Moçambique um bilinguismo de convivência entre língua “popular” e “cultura”. Não estranha, pois, que os falantes, quando interagem em português, usem construções lexicais características deste contexto linguístico e geográfico muito particular, não partilhadas pelos falantes de outras variedades. Em primeiro lugar, devido à acomodação de empréstimos oriundos tanto de línguas bantu (cf. 11) como do inglês (cf. 12).

- (11) a. **guadjissar**: roubar, furtar (do xichangana; *ku guadjissa*)
 - b. **patchar**: evocar espírito dos antepassados (do xichangana, *ku patcha*)
 - c. **tchovar**: empurrar (do xichangana *ku tchova*)
- (12) a. **postar**: pôr no correio (cartas) (do inglês *to post*)
 - b. **spreiar, sprear**: pulverizar, usar um *spray* (do inglês *to spray*)

Acrescem a isso as palavras construídas no seio do PM, como *timbileiro, baruísta, canhoeiro, maçambiqueira, machambar*, etc. Embora os esquemas construcionais que ativam sejam similares aos usados no PE e no PB, por exemplo, estas palavras causam alguma sensação de estranheza a falantes de outras variedades pelo desconhecimento relativamente às bases lexicais instanciadas.

A análise de algumas bases de dados lexicais característicos do PM³ permite concluir que, nesta variedade emergente do português, os falantes usam produtivamente esquemas construcionais partilhados pelas restantes variedades geográficas do português. Para além de esquemas afixais, que integram prefixos (cf. 13a) e sufixos (cf. 13b-f), recorrem os moçambicanos também a esquemas compositivos (cf. 14) e conversivos (cf. 15), encontrando-se ainda alguns casos esporádicos de reduplicação (cf. 16).⁴

³ Fontes consultadas: Machungo (2024); Timbane (2012); Lindegaard (2021).

⁴ N, V e A são abreviaturas de Nome, Verbo e Adjetivo, respetivamente.

(13) Esquemas afixais

- a. [des [x]_V]_V: *desacontecer, desconseguir, desimportar, desmontar, despromover*
- b. [[x]_N aria]_N: *beixilaria, cabelaria, cunhadaria, sograria, vizinharia, zaragataria*
- c. [[x]_N eira]_N: *maçaniqueira, mafurreira, massaleira, moageira*
- d. [[x]_N eiro]_N: *farmeiro, cantineiro, timbileiro, taxeiro, canhoeiro*
- e. [[x]_N ismo]_N: *cabritismo, elefantismo, fecalismo, lambebotismo, nyusismo*
- f. [[x]_N ista]_N: *baruísta, batepapista, muquerista, tanguista*

(14) Esquemas compositivos

- a. [[x]_N do/de [y]_N]_N: *vaca-do-mato, palmeira do marfim, pata de ganso, morro de muchém*
- b. [[x]_N [y]_A]_N: *tomatinho preto, pau-rosa*
- c. [[x]_V [y]_N]_N: *mata-boi, mata-peixe*

(15) Esquemas conversivos:

- [[x]_N > [x]_V: *guevar, chambocar, djimar/gimar, djobar, timbilar, sonecar, fotar, lobolar, machambar, matacar (ou maticar)*

(16) Reduplicação

- [[x]_V [x]_V]_N: *ganho-ganho, mexe-mexe, bula-bula*

Note-se, porém, que, em linha com o que se passa noutras variedades africanas, atesta-se no PM um traço de descontinuidade em relação às variedades europeia e brasileira, o empréstimo morfológico, entendido como “transferência de elementos de sistemas morfológicos entre línguas em contacto” (Arkadiev & Kozhanov 2023: 1, tradução nossa). De facto, o PM usa, tanto no âmbito da morfologia flexional⁵ como da morfologia derivacional (cf. 17), prefixos transferidos das línguas bantu.

- (17) a. [ma [x]_N]_N: *madjermana, machuabo, machangana*
b. [mu [x]_N]_N: *mucaboverde*⁶

⁵ A variedade moçambicana usa alguns prefixos provenientes das línguas bantu para fins flexionais, nomeadamente na expressão do número ‘plural’ (e.g. *mabandido, mavassora, mazona*) (Laban 1999: 93-94).

⁶ Nos casos apontados em (17), os prefixos *ma-* e *mu-* indicam proveniência, origem étnica ou geográfica (Laban 1999: 93-94).

No que à reduplicação diz respeito (cf. 16), poder-se-á questionar se não estamos perante um caso de empréstimo de padrão de construção pois, não sendo este processo morfológico estranho ao português (Rodrigues 2016: 125-126), ganha nesta variedade uma produtividade renovada, motivada pelo contacto com as línguas bantu.

Note-se, ainda, que algumas palavras morfológicamente construídas são usadas pelos falantes moçambicanos com um significado muito próprio, não coincidente com o que é expresso noutras variedades (cf. 18). Este fenómeno, ao manifestar a apropriação e reestruturação da língua portuguesa por falantes moçambicanos, adaptando-a ao seu contexto sociocultural, afirma-se como um dos aspetos da moçambicanização da língua (Dias 2002, 2009).

- (18) a. *antepassado* ‘penúltimo’
b. *banqueiro* ‘jogador suplente (que fica no banco)’
c. *desmontar* ‘despromover’ (na passiva)
d. *engarrafar* ‘submeter, dominar através de magia, enfeitiçar’
e. *fumar* ‘matar a tiro’
f. *laminar* ‘falar incorretamente, dar calinadas’

Os dados apurados estão em linha com o descrito por Mendes *et al.* (2016) a propósito dos padrões de sufixação nominal encontrados nas variedades africanas do português. Parece haver, pois, um conjunto de instâncias dos esquemas de construção de palavras que são característicos do PM. Contudo, o carácter restrito do *corpus* analisado não permite confirmar ou refutar a ideia de que as variedades africanas diferem muito das variedades europeia e brasileira.

Confirma-se também a ideia de que a existência de afixos/esquemas construcionais isofuncionais, que competem entre si, pode promover diferenças regionais e/ou diferentes níveis de formalidade, status, entre outros (Areán-García 2010). Por exemplo, a palavra *taxeiro* ‘condutor de táxi’ é usada no PM, mas não no PE e no PB, que, para o mesmo significado, optam por *taxista*.

O facto de haver um conjunto de unidades lexicais que faz parte do léxico específico do PM não significa que o acesso ao significado desses itens esteja totalmente vedado a falantes de outras variedades português. Isso é possível graças à competência derivacional dos falantes e à superior unidade do sistema derivacional, que é transversal a todas as variedades da língua portuguesa. Desde que o falante consiga relacionar formal e semanticamente a palavra derivada com a *variável lexical* [x] que é tomada como base, o acesso e processamento da palavra é possível, mormente quando o contexto verbal ajuda,

isto é, quando a palavra derivada ocorre na vizinhança textual do termo que lhe serve de base derivacional.

- (19) “...ou seja, o *lambebotismo* um grupo sobre o qual [...] pior ainda, ele torna-se um *lambebotas* mesmo...” (JV, 16. mar. 2012; *apud* Timbane 2014: 52).

Podemos assim verificar que existe um conjunto de *constantes*, os esquemas construcionais (afixais e não afixais), que se aplicam a um conjunto de *variáveis*, as bases lexicais. Neste domínio da gramática, a descontinuidade entre as variedades linguísticas decorre sobretudo da especificidade de algumas bases lexicais ativadas no processo de construção de palavras. Ou seja, é sobretudo o (des)conhecimento destas que determina o maior ou menor grau de transparência morfossemântica ou motivação das palavras em análise.

Muitas das unidades lexicais derivadas e compostas denotam uma realidade específica de Moçambique, nomeadamente da sua fauna e da sua flora/realidade vegetal (cf. 20), podendo, em alguns casos, apresentar estruturas morfológicas onde figura uma base lexical de origem africana (cf. 21) ou inglesa (cf. 22).

- (20) a. Nomes de animais: *vaca-do-mato*, *peixe-pedra*
b. Nomes de plantas ou árvores: *canhoeiro*, *maçaniqueira*, *mafaleiro*, *mafurreira*, *massaleira*; *tomatinho preto*, *pau-rosa*, *palmeira do marfim*, *mata-peixe*
- (21) a. *timbileiro*: ‘aquele que toca timbila’ (provém do xichangana; *mbila* é instrumento musical, uma espécie de xilofone (plural *timbila*)
b. *timbilar*: ‘tocar timbila’
c. *guevar*: ‘comprar em quantidade para revenda’ (de *gweva* ‘revendedor’, comum a várias línguas do sul de Moçambique)
d. *matacar*: ‘cobrir de lama a estrutura de madeira de uma casa; rebocar a barro’ (do macua *matthaka*, ‘lama’)
e. *muquerista*: ‘comerciante transfronteiriço informal, pessoa que pratica o muquero’ (comércio transfronteiriço informal, no Sul do país, com a Suazilândia e com a África do Sul)
- (22) a. *pauoso*: ‘que tem poder; poderoso’ (do ing. *power*)
b. *farmeiro*: ‘dono de uma quinta; agricultor comercial, por oposição a camponês’ (do ing. *farm*)
c. *biznisseeiro*: ‘negociante; que faz negócio’ (do ing. *business*)

Em suma: o léxico usado pelos falantes da variedade moçambicana do português inclui, a par de itens lexicais partilhados por toda a comunidade de falantes do português, um conjunto de itens que lhe são específicos, cujo uso está adstrito ao contexto socio-

dialetal de Moçambique. Em linha com Rio-Torto (2015), defendemos que as diferentes variedades do português (africanas e não africanas) servem-se dos

recursos e processos lexicais que possuem em comum, mas a partilha de um mesmo *input* não corresponde necessariamente ou sempre ao mesmo *output* lexical. Uma vez o *output* é comum, outras vezes não, porque se opta por outro processo ou por outro recurso equivalente. (Rio-Torto 2015: 139)

5. Conclusão

A descrição das produções lexicais de falantes de português em diferentes geografias permite observar inúmeros exemplos de variação e de contacto interlinguístico, incluindo dados relevantes quer para a compreensão do modo como a língua portuguesa se foi aclimatando a diferentes territórios, quer para a descrição das variedades linguísticas que se foram constituindo nesses lugares.

No seio de uma língua pluricêntrica como o português manifesta-se a interação de forças centrípetas e de forças centrífugas. No que à construção de palavras diz respeito, a força centrípeta resulta da continuidade do sistema derivacional do português, que é partilhado por todos os falantes da língua, independentemente da comunidade societal e dialetal de que façam parte. Como vimos, os esquemas construcionais (afixais ou não afixais) representam *constantes* na língua. Por sua vez, a força centrífuga é exercida pelo léxico específico em uso no seio de cada comunidade de falantes e pela diversidade e intensidade dos contactos com outras línguas. Com efeito, nas bases de dados do PM consultadas, encontram-se palavras derivadas ou compostas não atestadas nas restantes variedades, por instanciarem esquemas construcionais diferentes ou bases lexicais (*variáveis*) que denotam uma realidade específica de Moçambique. Entre estas, atestam-se alguns empréstimos de línguas bantu e do inglês.

Mais do que divergências em relação a uma variedade de referência, os dados devem ser ponderados com base na existência de um único sistema linguístico, com um conjunto determinado de esquemas de construção de palavras, e de diferentes variedades/normas, umas já consolidadas, outras ainda emergentes, que se apropriam do sistema derivacional de formas diversas, gerando assim produtos derivacionais nem sempre coincidentes com os construídos nas outras normas. Por conseguinte, não partilhamos a ideia de que existe neste domínio um “conflito” entre sistema e uso (Sandmann 1991: 75). O que existe é uma situação perfeitamente natural quando se pensa no português como uma língua

pluricêntrica: o sistema dispõe de um conjunto esquemas de construção isofuncionais, mas cada comunidade linguística particular usa e privilegia algumas palavras derivadas resultantes da aplicação, nem sempre coincidente, desses esquemas formativos.

Referências

AREÁN-GARCÍA, Nilsa (2009). «A variedade regional na sufixação». *Cadernos do CNLF* 13(4): 1573–1586.

AREÁN-GARCÍA, Nilsa (2010). «Concorrência entre sufixos: uma visão diacrônica». Em *Os estudos lexicais em diferentes perspectivas*, org. por I. M. Alves *et al.*, pp. 173–191. São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP.

ARKADIEV, Peter & Kirill KOZHANOV (2023). «Borrowing of Morphology. With a Case Study of Baltic and Slavic Verbal Prefixes». Em *The Wiley Blackwell Companion to Morphology*, ed. por P. Ackema, S. Bendjaballah, E. Bonet e A. Fábregas, pp.1-33. Oxford: John Wiley & Sons.

BARROS, João de (1540). *Grammatica da Lingua Portuguesa*. Lisboa: Apud Lodouicum Rotorigium.

BAXTER, Alan Norman (1992). «Portuguese as a pluricentric language». Em *Pluricentric languages: differing norms in different nations*, ed. por M. Clyne, pp. 11-23. Berlin, De Gruyter Mouton.

BOOIJ, Geert (2005). *The Grammar of Words. An Introduction to Linguistic Morphology*. Oxford: Oxford University Press.

BOOIJ, Geert (2010a). *Construction Morphology*. Oxford: Oxford University Press.

BOOIJ, Geert (2010b). «Morphological Analysis». Em *The Oxford Handbook of Grammatical Analysis*, ed. por B. Heine e H. Narrog, pp. 507-529. Oxford: Oxford University Press.

BOOIJ, Geert (2016). «Construction Morphology». Em *The Cambridge Handbook of Morphology*, ed. por A. Hippisley e G. Stump, pp. 424-448. Cambridge: Cambridge University Press.

BYBEE, Joan (1995). «Regular morphology and the lexicon». *Language and Cognitive Processes* 10: 425–455.

DE BOT, Kees (2019). «Defining and Assessing Multilingualism». Em *The Handbook of the Neuroscience of Multilingualism*, ed. por J. W. Schwieter, pp. 3-18. Hoboken, NJ: Wiley Blackwell.

DIAS, Hildizina (2002). *Minidicionário de moçambicanismos*. Maputo: Edição da Autora.

DIAS, Hildizina (2009). *Português moçambicano: Estudos e reflexões*. Maputo: Imprensa Universitária.

FARACO, Carlos Alberto (2022). «Pedagogia da variação linguística: desafios e paradoxos». Em *Da Variação Linguística à “Pedagogia da Variação”*: descrição e ensino de português, org. por F. Brandão-Silva e E. C. Romualdo & H. B. Pereira, pp. 51-66. São Carlos: Pedro & João Editores.

GONÇALVES, Perpétua (2013). «O Português em África». Em *Gramática do Português*, ed. por E. P. Raposo *et al.*, vol. 1, pp. 157-178. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

HAGEMEIJER, Tjerk (2016). «O português em contacto em África». Em *Manual de Linguística Portuguesa*, ed. por A. M. Martins e E. Carrilho, pp. 43-67. Berlim: Mouton de Gruyter.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA (2023). *Padrão Linguístico em Moçambique*. INE.

JACKENDOFF, Ray & Jenny AUDRING (2016). «Morphological schemas: Theoretical and psycholinguistic issues». *The Mental Lexicon* 11(3): 467–493.

JACKENDOFF, Ray & Jenny AUDRING (2018). «Relational Morphology in the Parallel Architecture». Em *The Oxford Handbook of Morphological Theory*, ed. por J. Audring e F. Masini, pp. 390-408. Oxford: Oxford University Press.

JACKENDOFF, Ray & Jenny AUDRING (2020). *The Texture of the Lexicon*. Oxford: Oxford University Press.

LABAN, Michel (1999). *Mozambique: particularités lexicales et morphosyntaxiques e l'expression littéraire en portugais*. Université de la Sorbonne Nouvelle – Paris III, Document accompagnant une demande d’habilitation à diriger des recherches.

LINDEGAARD, Vítor (2021). *Moçambicanismos: um glossário com algumas imagens*. Disponível em <<https://mocambicanismos.blogspot.com/>>

MACHUNGO, Inês (2001). *Neologisms in Mozambican Portuguese - a Morphosemantic Study*. University of Ghana, Tese de doutoramento.

MACHUNGO, Inês (coord.) (2024). *Observatório de Neologismos do Português de Moçambique*. Disponível em <<https://catedraportugues.uem.mz/observatorio-neologismo/2061>>

MARONEZE, Bruno (2005). *Um estudo da nominalização do português do Brasil com base em unidades lexicais neológicas*. USP, Dissertação de Mestrado.

MARONEZE, Bruno & Ieda Maria ALVES (2008). «Neologismos formados pelos sufixos *-ção*, *-mento* e *-agem* no português do Brasil». Em *As Ciências do Léxico. Lexicologia, Lexicografia e Terminologia*, vol. IV, pp. 95-112, org. por A. N. Isquierdo & M. J. B. Finatto. Belo Horizonte: Editora UFMG.

MENDES, Amália; ESTRELA, Antónia; NASCIMENTO, Fernanda Bacelar do; PEREIRA, Luísa & Sandra ANTUNES (2016). «New words, old suffixes: Nominal derivation in the African varieties of Portuguese compared to European Portuguese». Em *Pluricentric Languages and Non-Dominant Varieties Worldwide. Part II: The Pluricentricity of Portuguese and Spanish. New Concepts and Descriptions*, ed. por R. Muhr [em colaboração com E. Duarte, A. Mendes, C. Amorós Negre & J. A. Thomas], pp. 129–144. Frankfurt am Main: Peter Lang Verlag.

NASCIMENTO, Maria Fernanda Bacelar do; PEREIRA, Luísa; ESTRELA, Antónia; GONÇALVES, José Bettencourt & Sancho OLIVEIRA (2008). «Aspetos de unidade e diversidade português: as variedades africanas face à variedade europeia». *Veredas* 9: 35-60.

PAUL, Hermann (1880). *Prinzipien der Sprachgeschichte*. Halle: Max Niemeyer.

PETTER, Margarida (2008). «O léxico compartilhado pelo português angolano, brasileiro e moçambicano». *Veredas* 9: 61–81.

RIO-TORTO, Graça (2007). «Caminhos de renovação lexical: fronteiras do possível». Em *As ciências do léxico. Lexicologia, Lexicografia e Terminologia*, org. por A. N. Isquierdo e I. M. Alves, vol.3, p. 23-39. Campo Grande, São Paulo: Editora da Universidade Federal de Mato Grosso, Humanitas.

RIO-TORTO, Graça (2015). «Léxico, renovação e representações no Brasil e em Portugal». Em *Unidade e variação na língua portuguesa: suas representações*, org. por André C. Valente, pp. 125-141. São Paulo: Parábola.

RIO-TORTO, Graça (2020). «Renovação do Léxico no Português brasileiro e europeu. Da neologia técnico-científica à neologia expressiva, humorística, lúdica». *LaborHistórico* 6(3): 196–223. Disponível em <<https://doi.org/10.24206/lh.v6i3.33323>>.

RIO-TORTO, Graça (2022). «O sufixo -NTE no português: convergência e divergência na formação de deverbais no português europeu, brasileiro e moçambicano». Em *Estudos do léxico: diferentes olhares e perspectivas*, ed. por M. Dores e M. Cordeiro, pp. 174-194. Rio de Janeiro: Letra Capital.

RODRIGUES, Alexandra Soares (2016). «Noções basilares sobre a morfologia e o léxico». Em *Gramática derivacional do português* (2.^a ed.), ed. por G. Rio-Torto *et al.*, pp. 35-133. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

SANDMANN, Antônio José (1991). *Competência lexical. Produtividade, restrições e bloqueio*. Curitiba: UFPR.

SOARES DA SILVA, Augusto (2010). «Medindo a convergência e a divergência lexical entre o português europeu e o português brasileiro». Em *Língua Portuguesa: identidade, difusão e variabilidade*, org. por C. A. Gonçalves & M. L. L. de Almeida, pp. 89-109. Rio de Janeiro: AILP / UFRJ.

SOARES DA SILVA, Augusto (2014). *Pluricentricity: Language Variation and Sociocognitive Dimensions*. Berlin/Boston: De Gruyter Mouton.

SOARES DA SILVA, Augusto (2018). «Variação linguística e pluricentrismo: novos conceitos e descrições». Em *Actas do XIII Congresso Internacional de Lingüística Xeral*, pp. 838-845. Vigo, Espanha: Universidade de Vigo.

SOARES DA SILVA, Augusto (2022). «Portuguese, pluricentricity and Brazilian Portuguese: A case of a reverted asymmetry?». Em *Pluricentric languages in the Americas*, editado por R. Muhr *et al.*, pp. 135-156. Graz, Áustria: PCL-Press.

TIMBANE, Alexandre António (2012). «Os estrangeirismos e os empréstimos no português falado em Moçambique». *Cadernos de Estudos Linguísticos* 54(2): 289–306.

TIMBANE, Alexandre António (2014). «A Lexicultura no Português de Moçambique». *Linguagem: Estudos e Pesquisas* 18(2): 43–59.

VILLALVA, Alina & SILVESTRE, João Paulo (2014). *Introdução ao estudo do léxico: descrição e análise do Português*. Petrópolis, RJ: Vozes.